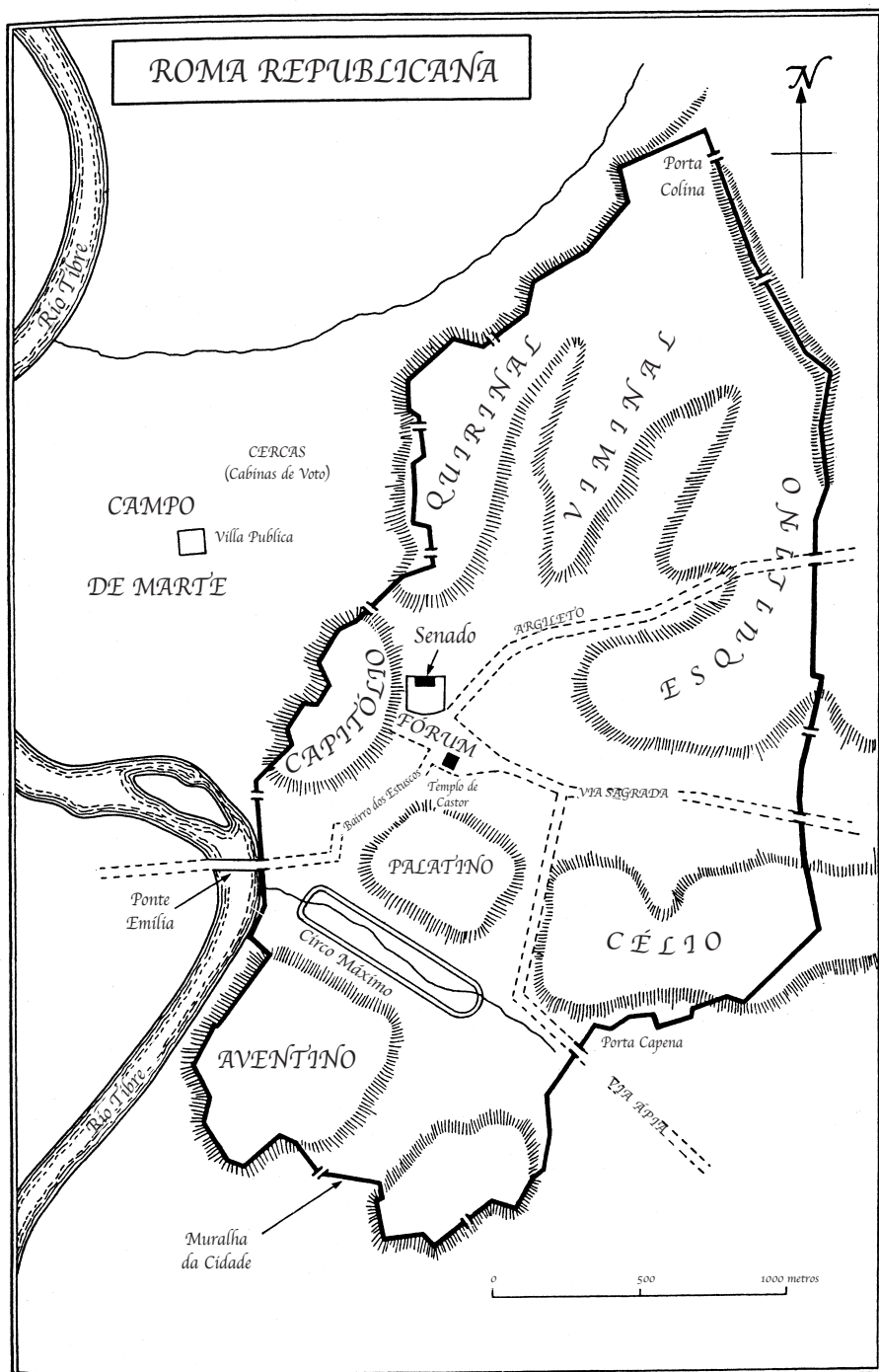




NOTA DO AUTOR

Alguns anos antes do nascimento de Cristo, Tirão, antigo secretário de Cícero, terá escrito uma biografia deste orador e estadista.

Está perfeitamente comprovado que Tirão existiu e que escreveu essa obra. — Prestas-me inúmeros serviços — escreveu-lhe Cícero certa vez. — Em minha casa e fora dela, em Roma e no estrangeiro, nos meus estudos e trabalhos literários...

Era três anos mais novo que o seu senhor, nascido escravo, mas viveu muito para além dele, sobrevivendo — de acordo com São Jerónimo — até atingir o seu centésimo aniversário. Tirão foi a primeira pessoa a registar um discurso no Senado palavra por palavra e, no século VI, o seu sistema de escrita abreviada, conhecido como *notae tironianae*, era ainda usado pela Igreja. De facto, alguns vestígios deste sistema (o símbolo «&», as abreviaturas etc., NB, i. e., e. g.) subsistiram até aos nossos dias. Tirão escreveu igualmente vários tratados sobre o desenvolvimento do latim. A vida de Cícero, captada em vários volumes, é considerada uma fonte de referência pelo historiador do século I Ascónio Pediano, nos seus comentários aos discursos de Cícero. Plutarco cita-o por duas vezes. Porém, e à semelhança do que ocorreu com toda a restante obra literária de Tirão, o livro desapareceu com o colapso do Império Romano.

Que tipo de obra poderia ter constituído, é tema que ainda excita a curiosidade dos estudiosos. Em 1985, Elizabeth Rawson, membro associado do Corpus Christi College, em Oxford, especulava que provavelmente teria sido escrita no formato tradicional helénico usado para biografias — uma forma literária «escrita

num estilo despretensioso e não retórico, que poderia citar documentos mas preferiria apotegmas do seu protagonista, teria um conteúdo bisbilhoteiro e irresponsável... e encantaria pelas peculiaridades temperamentais do seu visado... Uma biografia com estas características não se destinaria a estadistas nem a generais, mas àquelas pessoas a quem os romanos apelidavam de *curiosi*»¹.

Este foi o espírito com que abordei a reconstituição da obra desaparecida de Tirão. Embora no volume anterior, *Imperium*, descreva a subida ao poder de Cícero, espero não ser necessário lê-lo previamente para se compreender o presente volume. Isto é um romance, não uma obra histórica: sempre que, por necessidade de cada obra, existam discordâncias entre elas, não hesitei em dar primazia à primeira. Ainda assim, tentei o meu melhor para que a ficção estivesse em sintonia com os factos, e também para utilizar, tanto quanto possível, as próprias palavras de Cícero — das quais, sobretudo graças a Tirão, temos tantos exemplos. Gostaria de agradecer a Fergus Fleming pela sua generosidade na cedência do título *Lustrum*. Os leitores que desejem esclarecer a terminologia política da República Romana, ou que desejem consultar a lista de personalidades mencionadas no texto, encontrarão um glossário e uma lista de personagens principais no final do livro.

R. H.

¹ Elizabeth Rawson, *Intellectual Life in the Late Roman Republic* (Londres, 1985), págs. 229-30. (N. do A.)

«Olhamos o passado com condescendência, como um mero estudo preliminar ao nosso dispor... mas, e se fôssemos apenas uma impressão duradoura dos nossos *antepassados*?»

J. G. Farrell, *The Siege of Krishnapur*

lustrum (plural *lustra*) (1) no plural, a toca ou o covil de animais selvagens; (2) no plural, bordéis e, por extensão, libertinagem; (3) lit., sacrifício expiatório, especialmente o que era oferecido de cinco em cinco anos pelos censores; transf., período de cinco anos, um lustre.

PRIMEIRA PARTE

CÔNSUL

63 a. C.

*O condicionem miseram non modo administrandae
verum etiam conservandae rei publicae!*

A preservação da República não menos que governá-la,
oh que tarefa ingrata!

(Cícero, discurso de 9 de novembro de 63 a. C.)

I

Dois dias antes da investidura de Marco Túlio Cícero como cônsul de Roma, o corpo de uma criança foi retirado das águas do rio Tibre, de perto dos abrigos dos barcos da armada de guerra da República.

Uma tal descoberta, embora trágica, não justificaria normalmente a atenção por parte de um cônsul eleito. Mas havia algo tão grotesco relativamente a este cadáver em particular, e tão ameaçador da tranquilidade cidadina, que o magistrado responsável pela manutenção da ordem pública, C. Octávio, enviou uma mensagem a Cícero pedindo-lhe que comparecesse de imediato.

Inicialmente, Cícero mostrou-se relutante em corresponder, desculpando-se com a pressão do trabalho. Como candidato consular mais votado, competia-lhe a si, mais do que ao seu colega, presidir à sessão de abertura do Senado, estando mesmo nessa altura a escrever o seu discurso inaugural. Mas eu sabia que havia algo mais para além disso. Ele tinha uma repugnância invulgar no seu contacto com a morte. Até a morte de animais no decorrer das caçadas o deixava perturbado, e este ponto fraco — infelizmente em política um coração gentil é sempre entendido como uma fraqueza — começara a ser notado. A sua reação instintiva foi a de me enviar em seu lugar.

— Claro que irei — respondi cuidadosamente. — Mas... — acrescentei, deixando que a minha frase morresse.

— Mas? — interrogou ele com rispidez. — Mas o quê? Julgas que vai parecer mal?

Contive a minha língua e continuei a transcrever o seu discurso. O silêncio prolongou-se.

— Ora, está bem — suspirou por fim, pondo-se de pé. — Octávio é um chato mas pode confiar-se nele. Não me convocaria se não fosse um assunto importante. E, de qualquer forma, preciso de desanuviar a cabeça.

Estava-se no final de dezembro e, do céu cinzento-escuro, soprava um vento bastante forte e cortante, de fazer sustar a respiração. Na rua, amontoava-se uma dúzia de peticionários esperando poder dar-lhe uma palavra e, mal vislumbraram o cônsul eleito na ombreira da porta, atravessaram a rua a correr na sua direção. — Agora não — intervim, empurrando-os para trás. — Hoje não — insisti. Cícero lançou a ponta da capa por cima do ombro, encostou o queixo ao peito e rumou decidido, colina abaixo.

Suponho que devemos ter andado cerca de um quilómetro e meio, cruzando obliquamente o Fórum² e saindo da cidade pela porta do rio. As águas do Tibre corriam altas e velozes, enroladas em remoinhos de um castanho-amarelado e correntes contorcidas. Mais à frente, do lado oposto à ilha de Tibre³, entre os molhes e as gruas das docas, podíamos avistar uma enorme multidão movendo-se de maneira confusa. (A propósito, ficarão com uma ideia de há quantos anos isto aconteceu — mais de meio século — se vos disser que, na altura, a ilha ainda não estava ligada pelas suas pontes a qualquer das margens.) À medida que nos aproximávamos, muitos dos mirones reconheceram Cícero e houve um agitar de curiosidade enquanto abriam alas para nos deixar passar. Um cordão de legionários das casernas da marinha protegia o local. Octávio aguardava.

— As minhas desculpas pelo incómodo — proclamou Octávio, apertando a mão do meu mestre. — Sei que deves estar muito ocupado, tão próximo da tomada de posse.

² Espaço público no meio de Roma. Para além de ser o local habitual do mercado, servia de ponto de encontro de grande significado social onde se desenvolviam frequentemente diversas atividades, incluindo discussões políticas e debates. (*N. da T.*)

³ É a única ilha do rio Tibre. Tem a forma de um barco, com 270 metros de comprimento e 67 metros de largura. Está ligada a Roma por duas pontes: a Ponte Fabrício e a Ponte Cestio. (*N. da T.*)

— Meu caro Octávio, é sempre um prazer ver-te. Conheces o meu secretário, Tirão?

Octávio olhou-me de soslaio não mostrando qualquer interesse. Embora hoje seja recordado apenas como o pai de Augusto, era nesta altura magistrado dos plebeus e visto como o homem do futuro. Teria provavelmente chegado a cônsul se não tivesse morrido prematuramente com uma febre, cerca de quatro anos depois deste encontro. Abrigou-nos do vento, levando-nos para uma das enormes docas secas militares, onde o esqueleto de um libúrnio⁴, desmantelado para reparação, estava assente em troncos de madeira maciços. A seu lado, no chão, um objeto jazia embrulhado em pano de vela. Sem a espera própria da cerimónia Octávio retirou a cobertura para o lado, mostrando-me o corpo nu de um rapaz.

Se bem me lembro, tinha aproximadamente uns doze anos. A sua cara era bela e serena, de uma delicadeza quase feminina, com vestígios de tinta dourada no nariz e nas bochechas, e com um pedaço de uma fita vermelha amarrada aos seus caracóis castanhos molhados. A sua garganta tinha sido cortada. O corpo fora talhado e aberto até abaixo por altura das virilhas e esventrado de todos os seus órgãos. Não havia vestígios de sangue, apenas aquela cavidade alongada e escura, como a de um peixe estripado e cheio de lodo do rio. Como é que Cícero conseguiu manter a sua compostura olhando para aquele espetáculo é coisa que ainda não sei explicar, mas vi-o engolir em seco continuando a observar o corpo. — Isto é um ultraje — ouvi-o finalmente exclamar, num tom de voz rouco.

— E isto não é tudo — exclamou Octávio. Agachou-se, agarrou a cabeça do rapaz entre as suas mãos e voltou-a para o lado esquerdo. À medida que a cabeça se movia, a ferida aberta no pescoço abria e fechava quase obscenamente como se fosse uma segunda boca a tentar sussurrar-nos um qualquer aviso. Octávio parecia totalmente indiferente a tudo isto, até porque, sendo um militar, estava obviamente habituado a este tipo de visões. Puxou o cabelo para trás, revelando um golpe serrilhado ime-

⁴ Barco de guerra usado pelos romanos. Era mais pequeno e mais ágil que a trirreme. (N. da T.)

diatamente acima da orelha direita do rapaz, e carregou com o seu polegar na ferida. — Veem? Parece que foi golpeado por trás. Diria que usaram um martelo.

— Pintaram-lhe a cara. Decoraram-lhe o cabelo com fitas. Golpearam-no por trás com um martelo — repetiu Cícero, pronunciando as palavras progressivamente mais devagar à medida que tentava perceber onde a lógica o levaria. — Depois cortaram a sua garganta. E finalmente o seu corpo... esventrado.

— Exatamente — concordou Octávio. — Os seus assassinos devem ter querido inspecionar as suas entranhas. Ele foi objeto de um sacrifício, um sacrifício humano.

Ao ouvir estas palavras, naquele local frio e escuro, os cabelos na minha nuca mexeram e eriçaram-se e dei-me conta de que estava em presença de qualquer coisa demoníaca, uma força palpável e potente como um relâmpago.

— Tens conhecimento de alguma seita na cidade que pudesse ter praticado este ato tão abominável? — inquiriu Cícero.

— Nenhum. Existem sempre os gauleses, claro. Diz-se que são capazes de tais coisas. Mas, neste momento, existem muito poucos na cidade e, ao que se sabe, são bem-comportados.

— E quem é a vítima? Alguém reportou o seu desaparecimento?

— Essa é outra razão que me levou a desejar que viesses e visses com os teus próprios olhos — disse Octávio rodando o corpo e deixando-o de barriga para baixo. — Existe uma pequena marca do seu senhor, mesmo por cima das suas nádegas, conseguem ver? Os que se livraram do corpo podem não ter reparado. *C. Ant. M. f. C. n.*, Caio António, filho de Marco, neto de Caio. Aí tens uma família famosa! Ele era um escravo do teu colega consular António Híbrido — rematou, levantando-se e limpando as mãos no pano de vela. Depois atirou a cobertura com toda a naturalidade, voltando a tapar o corpo. — O que é que queres fazer?

Cícero olhava o fardo horrível no chão como que hipnotizado. — Quem é que está ao corrente disto?

— Ninguém.

— Nem Híbrido?

— Não.

— E a turba lá fora?

— Circula um rumor de que houve uma espécie de matança ritual. Tu, melhor que ninguém, sabes como as multidões se comportam. Estão a dizer que é um mau prenúncio, na véspera do teu consulado.

— E eles até podem ter razão.

— Temos tido um inverno rigoroso. Fazia-lhes bem serem tranquilizados. Pensei que podíamos enviar uma mensagem ao Colégio dos Pontífices pedindo-lhes que fizessem uma qualquer cerimónia de purificação...

— Não, não — apressou-se Cícero a responder, afastando os olhos do corpo. — Não quero sacerdotes. Só vão piorar as coisas.

— Então o que fazemos?

— Não se diz nada a ninguém. Queimem os restos mortais o mais rapidamente possível. Não deixem que ninguém os veja. Proíbam as eventuais testemunhas de divulgarem qualquer detalhe, sob pena de serem detidas.

— E a multidão?

— Trata do corpo, que eu trato da multidão.

Octávio encolheu os ombros. — Como queiras — concordou, com um ar aparentemente despreocupado. Só lhe restava mais um dia nas suas funções. Posso imaginar que estava satisfeito por se ver livre do problema.

Cícero foi até à porta, respirou fundo algumas vezes, recuperando alguma cor na sua face. Depois, como tantas outras vezes no passado, vi-o endireitar os ombros e assumir uma expressão de confiança no rosto. Saiu para o exterior e trepou para cima de uma pilha de madeira para se dirigir à multidão.

— Cidadãos de Roma, assegurei-me que os rumores sinistros que circulam pela cidade são falsos! — exclamou, gritando por cima daquele vento cortante para se poder fazer ouvir. — Vão para casa para as vossas famílias e desfrutem do resto do festival.

— Mas eu vi o corpo! — gritou um homem. — Tratou-se de um sacrifício humano para invocar uma maldição sobre a República.

O clamor foi seguido por outros. — A cidade está amaldiçoada! O vosso consulado está condenado! Tragam os sacerdotes!

Cícero levantou as mãos. — Sim, o corpo estava num estado lastimável. Mas o que é que esperavam? O desgraçado do rapaz esteve imenso tempo na água. Os peixes estão esfomeados. Alimentam-se onde podem. Querem mesmo que eu convoque os sacerdotes? Para fazer o quê? Para rogar uma praga aos peixes? Para *abençoar* os peixes? — Alguns começaram a rir. — Desde quando é que os romanos começaram a temer os *peixes*? Vão para casa. Divirtam-se. Depois de amanhã vai começar um novo ano, com um novo cônsul. Um cônsul que, estejam certos disso, cuidará sempre do vosso bem-estar!

Não foi um grande discurso para o seu nível habitual, mas conseguiu o que era necessário. Até houve quem aclamasse. Ele saltou do pedestal. Os legionários abriram caminho entre a turba e nós regressámos rapidamente. Quando nos aproximávamos da porta da cidade, olhei para trás. Nas orlas da multidão, as pessoas começavam a dispersar em busca de novas diversões. Voltei-me para Cícero para o felicitar pela eficiência dos seus comentários, mas ele estava inclinado sobre a vala da berma da estrada, a vomitar.

Assim estava a cidade na véspera do início do consulado de Cícero: um turbilhão de fome, rumores e ansiedade; de veteranos de guerra mutilados e agricultores falidos a mendigar a cada canto; de bandos ruidosos de jovens embriagados aterrorizando os comerciantes; de mulheres de boas famílias prostituindo-se publicamente à saída das estalagens; de incêndios inesperados, tempestades violentas, noites sem luar e cães procurando alimento; de fanáticos, profetas, pedintes e disputas. Pompeu continuava no estrangeiro, comandando as legiões no Leste, e, na sua ausência, um ambiente de inquietação e de instabilidade pairava sobre as ruas como o nevoeiro de um rio, criando um sentimento de nervosismo extremo. Tinha-se a sensação de que estava iminente uma ocorrência de grandes proporções, mas sem uma ideia clara sobre o que poderia ser. Corriam rumores de que os novos tribunos trabalhavam com César e Crasso num esquema secreto e complexo para distribuir terras aos cidadãos urbanos pobres. Cícero tentara informar-se mas fora mal recebido. Os patrícios iriam certamente resistir, qualquer

que fosse a proposta. As mercadorias escasseavam, a comida era acumulada às escondidas, as lojas estavam vazias. Até os agiotas tinham deixado de emprestar dinheiro.

Falemos agora do colega consular de Cícero, Ant3nio H3brido — Ant3nio, *o Mesti3o*: metade homem, metade animal —, era simultaneamente inculto e est3pido, como era pr3prio de um pretendente que tinha concorrido numa candidatura conjunta com o inimigo p3blico e declarado de Cícero, Catilina. Em qualquer caso, conhecedor dos perigos que teriam de enfrentar, e sentindo a necessidade de ter aliados, Cícero fizera esfor3os en3rgicos para melhorar o seu relacionamento com ele. Infelizmente estes prop3sitos n3o se concretizaram e direi porqu3. Era h3bito que os dois c3nsules eleitos tirassem 3 sorte em outubro para decidir que prov3ncia 3 que cada um governaria ap3s terminarem o seu consulado de um ano. H3brido, que estava extremamente endividado, tinha elegido no seu cora33o as terras rebeldes mas muito lucrativas da Maced3nia, onde seria poss3vel acumular uma fortuna consider3vel. Contudo, para sua consterna33o, calhou-lhe, em vez disso, as pastagens pac3ficas da vizinha G3lia, onde nem os ratos-do-campo se mexiam. Foi Cícero quem ficou com a Maced3nia e, quando o resultado foi anunciado no Senado, H3brido teve uma express3o t3o acrian3ada de ressentimento e surpresa que provocou uma gargalhada geral de toda a c3mara. Desde ent3o, ele e Cícero deixaram de se falar.

Assim, n3o surpreendia que Cícero sentisse tanta dificuldade em escrever o seu discurso inaugural nem que, quando voltou a casa vindo do rio e tentou recom3ar o seu ditado, a sua voz morresse repetidamente. Tinha um olhar distante e abstrato e perguntava a si pr3prio repetidamente e em voz alta porque 3 que o rapaz fora morto daquela maneira e qual o significado de ele pertencer 3 casa de H3brido. Concordava com Oct3vio: os culpados mais prov3veis seriam os gauleses. Um dos seus rituais era certamente o do sacrif3cio humano. Enviou uma mensagem para um seu amigo, Q. F3bio Sanga, que era o principal protetor dos gauleses no Senado, perguntando-lhe confidencialmente se pensava que fosse poss3vel um ato de tal viol3ncia. Mas Sanga enviou-lhe uma resposta quase imediata num tom ressentido, dizendo obviamente que n3o, e que

os gauleses se sentiriam gravemente ofendidos se o cônsul eleito persistisse num ato de especulação tão danoso. Cícero suspirou, atirou a carta para o lado, e tentou reconstituir a sua linha de raciocínio. Porém, não conseguia tecer os seus pensamentos de uma forma coerente e, pouco antes do sol-posto, pediu de novo a sua capa e as suas botas.

Presumi que a sua intenção era dar um passeio pelos jardins públicos perto de casa, onde ia com frequência quando estava a compor um discurso. Porém, ao chegar ao topo da colina, em vez de voltar à direita, continuou em frente em direção à Porta de Esquilino⁵ e, para meu espanto, apercebi-me que ele tencionava ultrapassar a fronteira sagrada para se dirigir ao local onde se cremavam os corpos, um lugar que ele evitava a todo o custo. Passámos os carregadores com os seus carrinhos de mão à espera de trabalho, logo depois de passar a porta, e a residência atarracada oficial do *carnifex*, o qual, como carrasco público, estava proibido de viver dentro dos limites da cidade. Por fim, entrámos no bosque sagrado de Libitina⁶, repleto de corvos gralhando, e chegámos ao templo. Naqueles dias, o templo servia de quartel-general para a associação dos agentes funerários: o local onde se podia comprar tudo o que era necessário para um funeral, desde os utensílios com que se ungia o corpo até à plataforma onde o corpo era cremado. Cícero pediu-me algum dinheiro e dirigiu-se para falar com um sacerdote. Entregou-lhe a bolsa e logo apareceu um par de carpideiras oficiais. Cícero fez sinal para que me aproximasse. — Chegámos mesmo a tempo — disse.

Devemos ter formado um grupo curioso, atravessando o campo de Esquilino em fila indiana, as carpideiras à frente carregando vasos de incenso, seguidas do cônsul eleito, e depois eu. Rodeando-nos por completo no crepúsculo, víamos as chamas ondulantes das piras funerárias, ouvíamos o choro dos familiares e amigos dos

⁵ Porta construída no século IV a. C. que dava acesso à colina Esquilino onde, no tempo da República, se localizava o cemitério. (N. da T.)

⁶ Libitina é a deusa da morte, dos corpos e dos funerais. Era normalmente invocada nos funerais. Tradicionalmente, quando alguém morria levava-se uma moeda para o seu templo. (N. da T.)

mortos e sentíamos o cheiro enjoativo do incenso — forte, mas não o suficiente para disfarçar o fedor da morte em chamas. As carpideiras conduziram-nos à *ustrina* (crematório), onde uma pilha de corpos num carrinho de mão estava à espera para ser atirada para as chamas. Libertados de roupas e sandálias, estes corpos anônimos eram tão despojados na morte como o tinham sido em vida. Só o cadáver do rapaz estava coberto: reconheci-o pela mortalha de pano de vela que agora estava apertadamente cozida. Quando um par de funcionários o colocou com facilidade na grelha de metal, Cícero fez uma reverência com a cabeça e as carpideiras começaram numa lamentação barulhenta, sem dúvida que à espera de uma boa gorjeta. As chamas crepitaram e aplanaram com o vento, e tudo acabou muito rapidamente: tinha partido para o destino que nos aguarda a todos.

Foi uma cena que jamais consegui esquecer.

Certamente que a maior misericórdia que a Providência nos concede é a de ignorarmos o futuro. Imaginem o que seria se soubéssemos antecipadamente o resultado das nossas esperanças e planos ou se conhecêssemos a forma como estávamos condenados a morrer. Quão ruínosa seria a nossa vida! Ao invés, vivemos o nosso dia a dia taciturnamente, felizes como animais. Afinal, tudo acaba por se converter em pó. Nenhum ser humano, sistema ou geração pode escapar a esta realidade. Tudo o que existe por baixo das estrelas sucumbirá. A rocha mais dura desgastar-se-á. Nada perdurará para além das palavras.

E, com isto em mente, e na esperança renovada de que possa viver o tempo suficiente para poder completar a minha tarefa, narrarei de seguida a extraordinária história do ano em que Cícero esteve em exercício como cônsul da República de Roma, e o que lhe sucedeu nos quatro anos seguintes, um período de tempo a que nós, os mortais, chamamos lustrum, mas que para os deuses não passa de um piscar de olhos.